A linha do horizonte

Amadeu Lacerda Pessanha

ENSAIO

A linha do horizonte

Amadeu Lacerda Pessanha

Oficina do Maralto
Recife e Lisboa
1974

Ensaio. Primeira edição atribuída à Oficina do Maralto, Recife e Lisboa, 1974. Amadeu Lacerda Pessanha é uma persona literária criada para este livro. A editora é ficção. Este é o primeiro livro atribuído ao autor. Não houve edição histórica em 1974. O texto não conhece os volumes posteriores.

I

A linha que não encontra

Há um erro que a escola repete com inocência, e eu mesmo o repeti tempo demais: chamar horizonte à linha em que o céu e o mar se encontram. Quem passou uma tarde diante do arrecife de Olinda sabe que essa linha não encontra coisa alguma. Ela é o limite do que os olhos alcançam, um acordo entre a curvatura da água e a altura de quem olha. Subo, o acordo recua. Desço, ele se aproxima. O mar não traçou essa fronteira. Fomos nós, com a medida curta do corpo.

Digo isto e já sinto a frase querer ficar maior do que a tarde. A linha, escrita assim, parece uma descoberta. Não é. É uma correção pequena, daquelas que qualquer homem da banca faria com o queixo, sem papel. O papel é que se ofende de ser pequeno e pede um nome mais nobre. Ainda não sei recusar esse pedido todas as vezes. Sei recusá-lo quando o vejo, e mesmo então a recusa chega um segundo tarde, quando a palavra nobre já sentou à mesa.

Nasci nesta cidade, numa rua de onde se vê o arrecife. Minha mãe chama o que está depois, sem poesia, de o largo. Meu pai vende anzóis e linha num balcão que cheira a sal e a caixa. Não venho de capitães. Venho de gente que ficou. Essa origem me impede, ou devia impedir, dois gestos de que a literatura marítima gosta demais: a saudade de um navio que não foi meu e o desprezo por quem nunca embarcou. Vou escrever a linha que se vê da calçada, e o modo como ela mente quando a gente sobe.

A calçada, convém dizê-lo, não é um mirante. É laje irregular, com uma poça que seca devagar e um menino que empurra tampa de garrafa como se fosse barco. Dali a linha cabe entre um coqueiro e o que o arrecife deixa passar. Não cabe o infinito. O infinito é uma palavra que a escola empresta cedo, antes de emprestar a régua. Eu a devolvi tarde. Durante anos achei que devolver uma palavra fosse perda de amplitude. Era higiene.

Subo ao outeiro e o acordo recua. Desço à areia e ele se aproxima. Não foi o mar que andou. Fui eu. A frase cabe numa caminhada de poucos minutos, se a pessoa não parar para melhorá-la. Eu paro. No meio da ladeira já estou a procurar um adjetivo que a areia não pediu. O adjetivo é quase sempre grande, azul, definitivo. Risquei vários neste caderno de trabalho antes de deixar entrar no livro os que não consegui matar. O leitor tem direito de ver a cicatriz. Sem ela, a frase chega lavada e mente sobre o caminho.

Passei anos em Coimbra a explicar a colegas de seminário que o infinito, visto da praia de Olinda, acaba num coqueiro de um lado e num arrastão do outro. Não me deram nota alta. Acharam a observação pitoresca, que é o modo educado de dizer que uma frase não merece sair da terra onde nasceu. Eu, com vinte e poucos anos, quis dar-lhes razão e escrever uma linha sem coqueiro. Não consegui. O coqueiro voltava, teimoso, como voltam as coisas que foram vistas e não apenas pensadas. Hoje, aos quarenta e três, agradeço a teimosia. A linha não precisava da nota. Precisava do coqueiro.

Repeti a caminhada nesta semana, de manhã, antes da aula em Recife. A luz era mais branca e a frase saiu mais fácil, o que devia ter-me assustado. Frase fácil, diante do mar, é quase sempre frase que já sabia a resposta. Escrevi que a linha era uma lição. Risquei lição. Escrevi que era uma imagem da condição humana. Risquei condição humana, que é um saco onde cabe qualquer preguiça. Ficou o acordo entre a água e os olhos. É pouco. É o que eu tenho sem mentir. O livro começa nesse pouco, embora várias páginas vão tentar fugir dele. Aviso agora, para não parecer inocente quando a fuga acontecer.

Houve, ontem, uma fuga pequena e instrutiva. Eu tinha escrito que a linha nos ensina a humildade. A palavra entrou sem bater. Humildade é cômoda: absolve o autor e ainda lhe dá uma virtude. Risquei. No lugar ficou o que a caminhada realmente fez, que foi cansar a perna e desmentir um adjetivo. Não é uma moral. É um efeito físico. Se o livro esquecer o corpo, volta a ser escola, e a escola foi onde o erro começou.

Também não quero o extremo oposto, o de quem descreve a perna e acha que descreveu o mundo. A perna sobe. A linha recua. Entre as duas frases há

um intervalo em que a pessoa, se não se vigia, instala uma alma. A alma pode existir. Não é o que eu medi nesta ladeira. Medi o recuo. O recuo não consola, não promove, não cabe num discurso de formatura. Cabe numa página se a página aceitar terminar antes da promoção.

Por isso este primeiro capítulo insiste. Não porque o leitor seja lento. Porque eu sou o primeiro a querer sair dele. Cada vez que a frase ameaça servir para a vida inteira, eu a trago de volta ao coqueiro. O coqueiro não é símbolo. Está lá. Se um dia eu escrever como se ele fosse símbolo, que se note a hora. Ainda é dia. Ainda estou em Olinda. A aula em Recife é daqui a pouco, e a pressa de partir já quer transformar a pressa em ideia. A pressa é só o ônibus.

II

A altura dos olhos

A distância desse limite, para quem está de pé na areia, não é a eternidade dos cartazes. Cresce com a altura dos olhos. Uns poucos quilômetros, não uma vida. A luz pode alongar um pouco a conta. O desejo alonga sem pudor, e é aí que o ensaísta se perde, porque o desejo também escreve bem. Eu desejei, mais de uma vez, que a conta desse um número grande o bastante para caber num final de capítulo. A conta não colaborou. O capítulo teria de aprender a terminar perto.

Há uma experiência que qualquer pessoa pode fazer sem instrumento. Agacha. A linha vem. Põe-se na ponta dos pés. A linha vai. Não é filosofia. É corpo. O espanto, se ainda houver, está em ver quanta literatura se escreve como se o autor tivesse uma altura fixa, uma varanda oficial de onde o mundo cabe inteiro. Eu tive varandas emprestadas, em Coimbra e em Lisboa, e gostei delas. A cadeira era boa. O erro era achar que a bondade da cadeira era uma propriedade do mar.

Recordo uma aula em que um professor desenhou no quadro um círculo e um ponto fora dele. Disse que a filosofia começava quando o ponto percebia que o círculo era seu, não do mundo. A frase era elegante e, aplicada ao mar, incompleta. O ponto, no mar, enjoa. O ponto tem fome. O ponto pode morrer se errar a leitura daquela circunferência. Em terra firme confundimos profundidade com a liberdade de não pagar o equívoco no mesmo dia. No convés, o equívoco cobra à vista. Eu, que escrevo em Recife, numa mesa que não balança, devia desconfiar da minha própria cadeira. Desconfio tarde, e a demora também é um dado. Não a escondo para parecer mais vigilante do que fui.

Ensino há anos numa sala em que o chão cumpre o contrato. Os alunos entram, sentam, esperam que o conhecimento tenha a estabilidade do ladrilho. Eu também esperei isso, e às vezes ainda espero, o que é mais grave. Quando levo para a sala a história da linha, há sempre quem pergunte para que serve. A pergunta é justa. Não serve para navegar, porque eu não estou formando pilotos. Serve para desconfiar de uma frase que se diz ampla. Se o aluno sair com

essa desconfiança e sem uma frase melhor, a aula não fracassou. Fracassa a aula que troca o coqueiro por um infinito de estimação.

Meu pai, quando eu era menino e já falava demais, contava anzóis enquanto eu explicava o largo. Não corrigia. Também não aplaudia. O silêncio dele era uma medida, e eu demorei a lê-la. Achava frieza. Era ofício. Quem conta peça miúda não pode conceder à frase o direito de flutuar. Voltei ao balcão neste ano, já homem que dá aula, e repeti, com vergonha moderada, a explicação do infinito. Ele disse: então são quantos metros. Eu não sabia em metros. Sabia em passos até o coqueiro, e em vaidade. Ele voltou à conta. A lição não foi dita. Foi o modo de não interromper o trabalho por causa de uma palavra.

Há uma higiene do olhar que ainda não sei dizer sem embelezá-la. Para ver longe é preciso consentir que o perto não ocupe toda a frase, mas também que não seja apagado. O arrecife, a banca, o anzol, a voz de minha mãe chamando o largo sem metáfora. Se eu apagar o primeiro plano para ficar só com a linha, a linha fica nobre e falsa. Nobre é a palavra de que mais desconfio nesta altura, e a que mais me acode quando a tarde está boa. Uma tarde boa é um perigo profissional. A luz colabora com o adjetivo. O adjetivo agradece e mente.

Por isso anoto a posição, ainda sem método que mereça o nome. Manhã ou tarde. Areia ou outeiro. Olinda ou a sala de Recife, onde a linha não está e mesmo assim é invocada. Uma frase sem esses dados é um mapa sem escala. Eu já assinei mapas assim, em trabalhos de aluno, e recebi por eles o elogio que se dá ao talento de não sujar o papel. Não quero esse elogio para este livro. Quero que se veja de onde foi dito. Se em algumas páginas o lugar faltar, não é estilo. É falha. Deixo a falha visível antes que um revisor futuro, eu mesmo ou outro, a lime por amor à limpeza.

A altura dos olhos também muda sentado. Na areia, com os joelhos dobrados, a linha desce tanto que um barco pequeno a corta pela metade. Levanto e o barco volta a caber debaixo dela. Nenhuma das duas visões é mais profunda. São duas posições. A cultura tem horror a isto, porque posição parece menos gloriosa do que essência. Essência não precisa dizer se o autor estava sentado. Posição precisa. Eu fico com a posição.

Em Lisboa, anos atrás, a mesma água tinha outro vento e outra administração do medo. Não vou fazer desse contraste um capítulo de viagem. Não tive vida de viajante. Tive estudo. O que o estudo me deu foi a desconfiança de que a palavra mar unifica depressa demais. Dois homens dizem mar e não estão diante da mesma distância. Um tem o arrecife a poucos passos. Outro tem um céu que parece, mentirosamente, mais filosófico. O céu de Lisboa não era mais verdadeiro. Era mais fácil de citar. Citar não é ver.

Trago isso para a sala de Recife com cuidado, para não transformar a aula numa nostalgia de quem estudou fora. Os alunos não me devem a minha Coimbra. Devem, se devem alguma coisa, a precisão. Quando um deles diz que entendeu, peço que diga de que altura. Alguns riem, e o riso é embaraço de quem foi apanhado sem régua. Um disse, na semana passada, que tinha lido o texto de pé no corredor, e que de pé a frase parecia maior. Pode ser. O corredor é estreito e empurra a frase para cima. Não é um defeito do aluno. É um dado.

III

Abrir horizontes

A cultura letrada transformou o horizonte num sinônimo preguiçoso de esperança. Abrir horizontes passou a significar quase nada: um convite a sentir-se amplo. Ouço a expressão em discurso, em capa de livro, na boca de quem quer animar uma sala sem se comprometer com um número. Ninguém pergunta: abrir a partir de que altura, até onde, para quem fica com a conta. A frase funciona porque não funciona. Não tem bordo. O que não tem bordo não naufraga. Também não chega.

Um aluno, há semanas, usou a expressão com boa-fé, que é o caso mais difícil de corrigir. Disse que o curso lhe tinha aberto horizontes. A sala sorriu o sorriso de quem reconhece uma moeda em circulação. Eu podia ter agradecido e seguido. Agradecer teria sido gentil e falso. Perguntei que linha ele conseguia ver agora que antes não via, e de que chão. Ele corou, não por burrice, por ter sido apanhado num rito. Depois disse uma coisa concreta: tinha aprendido a desconfiar de um texto que explica o mar sem nunca dizer a que distância. Isso, sim, era um horizonte, e era pequeno, e servia. O resto da expressão podia voltar para o discurso de fim de ano.

Mas o horizonte de quem olha o mar não alarga o peito. Impõe uma disciplina. A gente não chega até ele. Empurra-o, e ele se reconstitui mais adiante, indiferente ao esforço. Não há nesta indiferença uma lição moral pronta para emoldurar. Há um fato. O esforço não é pago com chegada. Quem precisa que o esforço seja pago vai trocar o horizonte por uma meta, e fará bem, desde que não chame a meta pelo nome errado. Meta se alcança. Linha, não. Confundir as duas produz oratória.

Quero, mesmo assim, que esta disciplina sirva para uma vida, não só para uma praia. Quero que quem mede a linha saiba também medir o que deseja, o que promete, o que ensina. Escrevo isto do outeiro, onde o limite parece mais limpo do que é, e a vida, vista de cima, aceita a comparação sem se ofender. Lá embaixo ela se ofenderia. Lá embaixo há conta de anzol, aula que não saiu, gente

que não partiu, um sapato que entra água. A comparação é bonita demais para esse chão. Deixo-a mesmo assim. Ainda não tenho outra que caiba numa página e numa casa. O leitor acaba de me ver ceder. Não vou fingir, duas linhas abaixo, que não cedi.

A cedência tem uma desculpa que eu mesmo não aceito por inteiro. Sem ela, o ensaio seria só a descrição de uma caminhada, e uma caminhada, por mais exata, não justifica sozinha um livro. Justificar um livro é já uma vaidade de autor. Anoto-a. Aos quarenta e três ainda quero que as páginas sirvam para mais do que o arrecife, e esse querer é o outeiro disfarçado de ambição intelectual. A ambição não é crime. Crime é não dizer de que altura ela olha. Olha de cima. De cima, os sapatos molhados viram símbolo depressa demais.

O conhecimento que se deixa alcançar de uma vez, e que posa no ponto em que foi alcançado, em geral não era horizonte. Era mobiliário. Esta frase eu sustentaria diante de um aluno, e já sustentei. A anterior, a da vida medida pela linha, eu sustentaria só enquanto a luz ajudasse. Anoto a diferença e não a resolvo. Resolver, aos quarenta e três, ainda me parece uma forma de altura: a pessoa sobe, vê as peças, e desce anunciando uma ordem. A ordem havia na vista. No pátio, os alunos já tinham ido embora, e a frase ficou sem testemunha. Frase sem testemunha fica boa com facilidade.

Há dias em que fecho a sala e vou até Olinda só para desmanchar uma fórmula que a manhã produziu. Não é ritual, embora o risco de virar ritual exista, e o ritual seria outra maneira de nobreza. É correção. A fórmula do dia, quase sempre, começa com abrir. Abrir a mente, abrir o mar, abrir o futuro. Eu riscaria o verbo se pudesse riscá-lo da língua. Não posso. Posso recusar-me a usá-lo quando o que houve foi uma caminhada, uma aula mediana e uma linha que não se mexeu por minha causa. O livro, se tiver algum juízo, será a longa recusa desse verbo, interrompida pelas vezes em que eu mesmo o conjugo.

A interrupção merece exemplo, senão vira outro anúncio de virtude. Anteontem escrevi, num rascunho que quase passou, que o homem abre o próprio horizonte ao reconhecer o limite. A frase tem uma música fácil. Reconhece, abre, próprio: três convites ao aplauso. Nenhum deles diz a que distância estava

o arrastão. Risquei o período inteiro e fiquei com o arrastão, que não abre nada. O arrastão passa ou não passa. A página ficou mais pobre e mais usável. Pobre, aqui, não é insulto. É o contrário de inflada.

Há quem tema que um livro sem abertura fique fechado e contrário à vida. A vida na calçada não está fechada. Está ocupada. O menino da tampa de garrafa não precisa que eu lhe abra um horizonte para que a tampa flutue. Flutua ou afunda conforme a poça, não conforme o meu verbo. Se eu escrever por cima dele uma carreira luminosa, terei usado a criança como escada. Escada é outeiro portátil. Dispenso.

Pode-se dizer que uma frase abriu alguma coisa quando, depois dela, a pessoa vê um objeto que antes não via, e pode apontá-lo. O aluno apontou a distância. Isso basta. Não basta dizer que a alma se alargou. Eu ensino melhor quando prometo menos. Aos quarenta e três, prometer menos ainda me custa, porque a sala espera um homem que eleve. Elevar é o nome docente de subir ao outeiro. Desço na lousa sempre que me pego elevando.

IV
Duas operações

Toda carta de marear tenta converter o limite em cálculo. Toda saudade de quem ficou tenta a mesma conversa, com menos números e mais teimosia. Confundir o piloto e quem espera na areia produz muita literatura e algum naufrágio de ideia. O piloto precisa da linha para agir antes que ela se desloque. Quem espera precisa da linha para nomear uma ausência. Não é o mesmo gesto. Um calcula para chegar. O outro olha para suportar que não chegou, ou que outro partiu. Eu, filho de quem ficou, escrevo dos dois lados e não devia. A biografia não é um salvo-conduto para a confusão.

Na sala tenho uma carta modesta da costa, impressa, já gasta nas dobras. Não é um tesouro de arquivo. É instrumento de aula. Mostro aos alunos onde a linha da carta mente por excesso de limpeza. A costa, no papel, não tem a banca, não tem o cheiro, não tem o menino da tampa de garrafa. Tem uma decisão: o que coube e o que ficou de fora. Essa decisão é honesta quando se assume. Fica desonesta quando o branco da margem é vendido como se fosse o próprio mar, liso porque assim é a natureza. Não é. É liso porque ninguém riscou ali o que não viu, ou porque viu e não soube o nome.

Separo, então, as operações, e peço que a separação dure pelo menos este capítulo. De um lado, quem governa um rumo e precisa que o erro custe cedo. De outro, quem olha da calçada e pode adiar o custo até a frase ficar bela. Eu pertenço ao segundo grupo na maior parte das horas, e ao primeiro só por imaginação, que é uma maneira indigna de se alistar. Não vou promover a imaginação a viagem. Não houve, neste livro, convés que eu comandasse. Houve leitura de quem comandou, e houve a areia. Entre as duas coisas eu ponho uma frase, não um uniforme.

Não vou além desta separação. Há, no mar, histórias que não cabem numa linha vista da calçada, e eu não as tenho ainda com a precisão que a frase exigiria. Inventá-las para dar peso ao capítulo seria consolo. Seria também uma injustiça com quem as viveu, porque o peso emprestado costuma ser mais redondo do

que o peso real. Consolo é o que eu não queria receber do mar. Não herdei o mar. Herdei a teimosia de olhá-lo até que me respondesse com precisão, não com consolo. A frase foi escrita quando eu era mais novo e continua de pé. O livro, por enquanto, obedece só até onde a vista obedece. Onde a vista acaba, eu paro, embora pare mal, com a sensação de ter deixado o capítulo sem a gravidade que um autor deseja.

Essa sensação é uma tentação, e vale a pena descrevê-la para não obedecer-lhe. A tentação diz: se ficares só com a calçada, o livro será leve, e livro leve não dura. Eu não sei o que dura. Sei que um livro pesado de empréstimo dura menos ainda, porque o empréstimo cobra juros de falsidade. O leitor atento sente o juros mesmo sem saber o nome. Sente que a frase chegou a um cais onde o autor não desembarcou. Prefiro a leveza verdadeira à gravidade visitada. A frase, agora, ficou quase orgulhosa. Orgulho de ser modesto ainda é outeiro. Desço um degrau: não prefiro. Tento.

Deixo de fora, de propósito e por falta, o que não medi. Não transformo a falta em mistério. Falta é falta. Um ensaio também tem bordo. O que está além deste bordo não fica mais verdadeiro por eu apontar para ele com uma palavra grande. Há quem aponte e chame ao gesto coragem. Muitas vezes é pressa de parecer completo. Completo, aos quarenta e três, seria uma mentira de currículo. Eu ainda estou a aprender a borda da minha própria vista. A carta gasta da sala me representa melhor do que um tratado: dobras, um branco que não foi preenchido, e o uso semanal, que impede a relíquia.

Se algum aluno me perguntar, no ano que vem, por que o capítulo acaba cedo, a resposta terá de caber numa frase. Acaba cedo porque eu não vi o resto de perto. Não porque o resto não exista. A distinção é toda a honra que este ensaio pode oferecer. Existir não é o mesmo que estar ao alcance desta página. Eu posso saber que o mar continua depois do arrastão sem ter o direito de narrar o que não presenciei nem medi. Narrar por ouvir dizer, aqui, seria voltar ao infinito: uma palavra grande no lugar de um coqueiro.

A carta gasta me ensinou uma segunda coisa, menor e útil. Nas dobras, a linha impressa se parte. O aluno vê a parte e acha que a costa se partiu. Não se

partiu. Partiu-se o papel. Eu deixo a dobra, em vez de pedir outra carta nova e lisa. A lisa esconderia o acidente do uso. O uso é o que torna a carta verdadeira: foi aberta muitas vezes, por mãos que queriam saber onde era o norte e não onde era o sublime. Sublime é palavra que não cabe numa dobra. Tanto melhor.

Quando separo o piloto de quem ficou, não estou a distribuir dignidade. Os dois podem ser dignos, e a dignidade não é o assunto. O assunto é o gesto. Quem espera na areia e escreve como se governasse o leme faz um romance sem o ter declarado. Quem governou e escreve como se apenas tivesse olhado esconde o custo. Eu não governei. Se alguma frase minha soar a comando, está errada, e o erro será de tom, não de experiência. Tom se corrige. Experiência que não houve não se corrige: apaga-se.

Apagar custa, porque a frase de comando é frequentemente a mais apresentável. Ela tem verbo firme e sujeito seguro. A frase de quem ficou tem mais hesitações, mais cheiro de caixa, mais pai que não levanta os olhos da conta. Um livro quer a primeira, por instinto de capa. Eu quero a segunda, por biografia, e desconfio também desse querer, que pode ser apenas o avesso da capa: uma humildade de vitrine. A saída, hoje, é não escolher um retrato. É manter as duas operações separadas e não me fantasiar de nenhuma até o fim. O fim, se for honesto, ainda vai tentar uma fantasia. Eu já o conheço. Ele gosta de uma última frase limpa.

V
Sem a linha

De noite a linha some. O mundo não desaparece: muda de regime. O ouvido assume o cargo que a vista abandonou. Um motor ao longe, a água no arrecife, uma voz na ladeira, um cachorro que não tem opinião sobre o infinito. Fiquei uma hora, nesta semana, sentado onde de dia a linha é óbvia, só para verificar a falta. A falta não era dramática. Era trabalho. Os olhos, desempregados, insistiam em inventar um risco no escuro. O ouvido, mais honesto, entregava sons sem desenho. Eu quis desenhar mesmo assim. O caderno, no colo, recebeu duas frases sobre o abismo e eu as risquei antes de chegar em casa. Abismo era o infinito de novo, vestido de preto.

Se há um clarão no escuro, de farol ou de outra luz que eu não vou transformar em símbolo, o homem conserva de memória, entre um e outro, a linha que não vê. Essa conservação merece respeito. Não merece, ainda, o discurso que eu seria capaz de pendurar nela. Conheço pouco o ofício de quem passa a noite inteira nessa atenção. Visitei mais a ideia do que o turno. Uma visita não autoriza o retrato. O retrato feito de visita é quase sempre lisonja, e a lisonja é uma forma de não olhar: a pessoa fica tão ocupada em elogiar que não pergunta a que horas o corpo falha.

Não vou fazer desse ofício uma moral. Ainda não passei nele as horas que autorizariam a frase. A frase, se eu a deixasse crescer, diria que todos devíamos viver como quem guarda uma linha invisível. É o tipo de sentença que um livro aplaude e uma noite real não confirma. Na noite real eu voltei para casa quando o cansaço ficou maior do que a curiosidade. Cansaço não é método. É limite, e neste capítulo o limite chegou cedo. Anoto só o fato. Sem figura, a atenção continua um pouco, e depois pede a cama. E paro. Parar é aqui uma informação, não uma pose de autor que sabe dosar o mistério.

Fiquei tentado, no escuro, a continuar. A continuação teria sido fácil: dizer que o ouvido é mais fiel do que a vista, que a noite educa, que quem não suportou uma hora sem a linha não sabe o que é atenção. Tudo isso pode ser verdade

noutro livro, escrito por quem fez o turno. Não é verdade que eu possa assinar hoje. Uma hora não é um ofício. É uma visita, e visita que se prolonga na frase vira intrusão. Voltei. A ladeira, sem a linha, era apenas ladeira. Os pés conheciam as pedras melhor do que os olhos. Também isso eu poderia promover a sabedoria do corpo. Não promovo. Era escuro, e eu queria chegar.

VI

A descida

Desci do outeiro no fim da tarde. A linha se aproximou, como tinha de ser. A areia estava morna e depois fria, porque a sombra chegou antes de eu decidir que a página estava pronta. Havia gente voltando com peixe, uma discussão sobre preço que não era metáfora de nada, e um menino que não olhava o horizonte porque olhava o balde. No balde, dois peixes pequenos e um pouco de água suja. A medida voltou ao corpo por esse caminho vulgar. Eu devia ter terminado aqui, no balde, na areia, na altura dos olhos de quem já desceu. O livro seria mais curto e mais justo.

Não terminei assim. Em casa, com a mesa estável de sempre, escrevi que a descida me devolvera a exatidão, como se descer fosse uma virtude e não um caminho que as pernas fazem mesmo sem caráter. A frase ficou limpa. A tarde não estava limpa. Havia o cheiro da banca, a discussão, o cansaço de quem deu aula de manhã e ainda queria que a aula virasse pensamento antes do jantar. Chamei a isso de regresso à medida. Era, em parte, regresso. Era, em parte, o outeiro descendo comigo, disfarçado de humildade. A humildade que se anuncia já subiu de novo.

Deixei a frase limpa no livro. Não por concordar com ela. Por achar que apagá-la seria uma segunda limpeza, pior do que a primeira. O leitor vê o balde e, em seguida, vê o autor melhorar o balde até ele significar alguma coisa. Esse intervalo é o assunto, mais do que a linha. Se eu oferecesse só o balde, pareceria cru. Se oferecesse só a frase limpa, pareceria sábio. Não sou cru nem sábio o bastante para merecer um dos dois retratos. Sou um homem de quarenta e três anos que mede melhor do que vive, e que ainda assim publica a medida, porque a publicação é o modo que encontrou de não deixar a frase apenas no caderno.

O caderno, diga-se, continuaria suficiente se eu não tivesse a vaidade de um volume. A vaidade não me envergonha a ponto de eu a omitir, e não me agrada a ponto de eu a cultivar como tema. Está aqui como está o sal no balcão: faz parte da mercadoria, não é a mercadoria. A mercadoria, se houver, é a distinção

entre a linha e o infinito, repetida até que a repetição mesma denuncie o meu gosto por ela. Eu gosto desta ideia. O gosto é suspeito. Uma ideia de que o autor gosta pede vigilância dobrada, porque ele vai protegê-la das objeções como se protege um filho, e um filho não se corrige com régua.

Fica o livro nesta contradição, sem que eu a batize com um nome que a resolva. A linha é uma medida modesta. Eu ainda a digo de um lugar um pouco alto. Quem me ler daqui a anos, se alguém ler, que anote de que altura dos olhos estas páginas foram escritas. Não peço concordância. Peço a nota de posição, que é o mínimo que um piloto escreveria à margem e que um ensaísta finge não precisar. Eu, hoje, sei só que não foi da areia o tempo todo. Foi também do outeiro. E o outeiro, em Olinda, não é uma montanha. É uma colina que já se acha bastante.

Na manhã seguinte voltei ao balcão. Meu pai não perguntou pelo livro. Perguntou se eu tinha visto a linha de pescar que um freguês jurava estar podre e não estava. Estava apenas suja. Limpei com ele um pedaço, por fazer alguma coisa com as mãos, e a sujeira saiu sem que a linha virasse outra coisa. Não vou comparar esse minuto ao ensaio. A comparação seria a última subida do dia, e eu já desci. Fica o fato, sem moldura: havia uma linha suja, e a sujeira não era o material. O material continuava sendo linha. Eu volto para Recife com essa frase menor, que não abre horizonte nenhum, e que por isso talvez possa ficar.

No ônibus, porém, a frase menor já pedia companhia. Eu queria acrescentar que assim também deve ser o pensamento: sujo primeiro, linha depois. A comparação é quase boa, e por isso é perigosa. Quase boa é o estado em que o autor baixa a guarda. Não acrescentei. Olhei o trânsito, que não significa nada além de trânsito, e deixei a frase sozinha no bolso, como o pedaço de linha que meu pai me deu sem cerimônia. Ele não disse guarda isto. Disse apenas que o resto ainda servia. Servir não é brilhar. Eu, que passo os dias entre pessoas que querem brilhar na prova, preciso desta frase sem brilho mais do que preciso de mais um outeiro.

Se o livro terminar aqui, termina baixo, e baixo era o que eu pedia à descida. Não tenho certeza de ter obedecido em todas as páginas. Tenho certeza de ter

marcado as vezes em que subi. Isso, aos quarenta e três, é o máximo de honestidade que consigo publicar sem transformar a honestidade em estilo. Estilo de homem honesto é a última máscara, e eu já a provei. Ficou larga. Tiro-a nesta última linha, ou tento. Amanhã, na sala, alguém vai dizer que o mar é infinito. Eu vou perguntar de onde ele está olhando. Se a pergunta sair em tom de vitória, terei subido de novo. O tom, pelo menos, eu já sei vigiar.

NOTA DE ACERVO

Amadeu Lacerda Pessanha é uma persona literária fictícia criada com Grok, e A linha do horizonte é uma obra produzida a partir dessa persona.

Margem 37 — Para histórias à procura de uma margem.